

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

MICRO OU MACRO: PESQUISAS SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO E SEUS IMPACTOS PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO SOCIOLOGICA

João Da Silva Junior

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10964>

Submetido em: 2024-12-19

Postado em: 2025-01-05 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Leandro Gomes Dias Bolivar (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7004-0652>)

MICRO OU MACRO: PESQUISAS SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO E SEUS IMPACTOS PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO SOCIOLÓGICA.

João Da Silva Junior¹

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ) e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (PGCS/UFES).

Resumo:

Este artigo é um exercício teórico ainda em desenvolvimento. Certamente algumas das considerações aqui apresentadas serão aperfeiçoadas ao longo do tempo. As elucubrações aqui trazidas têm mais o objetivo de instigar um debate, do que me posicionar como teórico do fazer sociológico. As grandes linhas teóricas da sociologia podem ser divididas em abordagens macrossociológicas e microsociológicas, em perspectivas coletivistas e individualistas. Cada linha ou perspectiva trabalhará por um consenso expresso na busca por uma síntese entre diferentes abordagens ou partirá para uma ruptura com em relação às outras abordagens, entendendo a sua como a mais apropriada para a compreensão dos fenômenos sociais. Segundo Alexander (1987): Por um lado, surgiram escolas radicais e estimulantes de microteorização, acentuando o caráter contingente da ordem social e a centralidade da negociação individual. Por outro lado, desenvolveram-se vigorosas escolas de macroteorização, enfatizando o papel de estruturas coercitivas na determinação do comportamento individual e coletivo. Mais do que esmiuçar os detalhes de cada uma dessas abordagens, pretendo neste enxuto trabalho dar exemplos de como um diálogo maior com os estudos da sexualidade, gênero e correlatos poderiam ajudar a suprir algumas das lacunas e inquietudes presentes em muitos dos trabalhos teóricos que abordam uma macro ou uma microsociologia, tanto coletivistas como individualistas.

Palavras-chave:

Sociologia; Teoria; Sexualidade; Gênero; Ação Coletiva

¹ <http://lattes.cnpq.br/9561663696292150>

<https://orcid.org/0009-0002-3377-2640>

<https://www.webofscience.com/wos/author/record/KHY-1782-2024>

MICRO OR MACRO: RESEARCH ON SEXUALITY AND GENDER AND THEIR IMPACTS FOR A SOCIOLOGICAL UNDERSTANDING.

Abstract:

This article is a theoretical exercise that is still under development. Some of the considerations presented here will certainly be improved over time. The elucubrations presented here are intended more to instigate a debate than to position myself as a theorist of sociological practice. The main theoretical lines of sociology can be divided into macrosociological and microsociological approaches, and into collectivist and individualist perspectives. Each line or perspective will work towards a consensus expressed in the search for a synthesis between different approaches or will break away from other approaches, understanding its own as the most appropriate for understanding social phenomena. According to Alexander (1987): On the one hand, radical and stimulating schools of microtheorizing have emerged, emphasizing the contingent nature of the social order and the centrality of individual negotiation. On the other hand, vigorous schools of macrotheorizing have developed, emphasizing the role of coercive structures in determining individual and collective behavior. More than just going into detail about each of these approaches, I intend in this brief work to give examples of how a greater dialogue with studies on sexuality, gender and related topics could help fill some of the gaps and concerns present in many of the theoretical works that address macro or micro sociology, whether collectivist or individualist.

Key-Words:

Sociology; Theory; Sexuality; Gender; Collective Action

Introdução.

Este artigo surgiu a partir das inquietações que surgiram durante o curso do primeiro ano do doutorado. Dito isto, é importante que leitoras e leitores tenham em mente que o que leremos juntos é um trabalho ainda em desenvolvimento. Minha proposta é de fato instigar um debate, me apresentar como pesquisador e ir construindo um modo de pensar e analisar que seja autêntico. Escrever este trabalho é muito mais um exercício de organização de ideias do que um esforço de ser uma baliza para um campo do saber científico. Esse exercício que torno público também é parte da minha própria pesquisa em um dos dois doutorados do qual sou aluno. Os modos como minhas práticas são recepcionadas têm sido analisados por mim no que estamos chamando de uma “pesquisa-ação”. Dentro desse projeto que não será apresentado aqui, coloquei como metodologia escrever sete preprints, ao longo do meu período enquanto aluno do doutorado, buscando elevar a um outro nível as etapas desse processo de fazer uma pesquisa onde meus atos são objetos de minha própria análise. Algumas das afirmações aqui presente que possam ganhar um caráter muito enfático de conclusões, estão baseadas em conclusões preliminares de minhas pesquisas em desenvolvimento e sobre elas, falarei mais profundamente em outro trabalho.

Nesse período, tive a oportunidade de assistir a duas disciplinas que em tese versavam sobre temas distintos. Contudo, com o passar do tempo iniciei um exercício de correlação que culminou nesse texto que considero um exercício teórico. Uma das disciplinas tratava da relação “sexualidade e violência”, a outra tratava das chamadas “teorias sociológicas amplas”, clássicos do pensamento social mundial. Fazer as duas disciplinas ao mesmo tempo, foi fundamental para perceber o quanto a sexualidade, com exceções, como os consagrados textos de Michel Foucault, não era tratada como fator motivacional dos sujeitos para ações imperiosas, que tinham reflexos nas mudanças estruturais da sociedade.

Tomo como premissa teórica nas minhas ações como pesquisador das sexualidades as afirmações de Foucault (1988) e alguns outros autores, de que o “sexo” ou o “dispositivo da sexualidade” é um elemento poderoso da vida entre os humanos e muito foi feito e ainda é feito em função da possibilidade ou não do livre exercício da sexualidade (Epstein, 1987; 1996). Do mesmo modo, questões relativas à “identidade de gênero” em suas mais variadas interpretações e significados, mobilizam massas ao redor do globo cotidianamente. No entanto, tomando como referências alguns dos estudos considerados como clássicos da sociologia, com algumas exceções, a sexualidade dos sujeitos não aparece dentro das

variáveis analisadas que levam a ações que terão o poder de causar fatos históricos relevantes ou é considerada como um motor de ação para a chamada “ação coletiva”.

Como pesquisador, uma das minhas investigações versa sobre os modos de “fazer pegação” e das práticas sexuais entre os homens gays e os homens que fazem sexo com homens (HSH). Sem adentrar muito nessas questões da pesquisa, basicamente investigo como o gênero (masculino) é substância fundamental para estabelecer relações eróticas e sexuais entre homens gays e homens que fazem sexo com homens e na constituição dos seus “roteiros sexuais” (Gagnon, 2004) ou nas suas “histórias de referência” (Bozon, 2006).

Quanto mais me aprofundo nas bibliografias sobre gênero, masculinidades, sexualidades, homossexualidades e temas correlatos, maior percebo o quanto a sexualidade, e por conseguinte seus estudos, transborda para outras esferas da vida social, ou como prefiro parafrasear: está presente em todas as esferas da vida social, atuando de modo objetivo, refratário e paralelo em todas as instâncias das expressões e representações do “eu na vida cotidiana” (Goffman, 1985).

Os instrumentos de “cuidado de si” (Foucault, 2010) estão ligados ao que Bourdieu (2007a), continuando suas análises sobre construções e modos sociais, chamou de *habitus*, presente na cultura masculina. O *habitus* masculino e o que chamo de “*Ethos*” da pegação viril estão inter cruzados, sendo em diversos espaços, um estruturado pelo outro, uma vez que “as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com o simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor” (Foucault, 1988, p. 114).

Nas salas de silêncio, suor e sexo dos estabelecimentos pesquisados, uma espécie de hiper-masculinidade é performatizada, reiterada e, também, corporificada. Um sujeito hiper-masculino de desejo é atuado corporal e gestualmente nesses contextos. Mais uma vez, é possível utilizar a ideia de controle. Os atos corporais são controlados nas salas de sexo para que a postura (ou a atitude) evoque virilidade (Braz, 2010, p. 238).

Michael Foucault tem como grande mérito conseguir pensar grandes questões como o “poder”, através da chave da sexualidade. Seu conceito de “cuidado de si”, ou de “controle de si” tem uma aplicação na ciência política, ao mesmo tempo que tem forte e necessária operacionalização sobre as questões ligadas à contingência e às agências dos sujeitos frente às suas questões sexuais e de gênero (Foucault, 2006; 2010). Do mesmo modo, Miguel Vale de Almeida (1996) busca refletir como dentro dos mecanismos da masculinidade se ancoram as motivações dos sujeitos para as suas ações, extraordinárias e ordinárias, mesmo as tarefas mais cotidianas feitas de modo pouco reflexivo como (no caso de sua pesquisa) cortar pedras.

A vontade do indivíduo em exercer o poder político sobre os outros a partir do “ocupar-se consigo” é uma decorrência dessa passagem. “Não se pode governar bem os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo. Entre privilégio e ação política, este é, portanto, o ponto de emergência da noção de cuidado de si (Wanzeler, 2011 *apud* Foucault, 2010).

Norbert Elias (2011) ao debater o processo civilizador, não se furtou de explicar como uma pedagogia, ou uma ortopedia do sexo foi fundamental para “civilizar” os povos e estabelecer as conexões necessárias para o que mais tarde seriam processos complexos e extremamente dispendiosos, como as democracias, as repúblicas, os parlamentos e todo o modo de vida disso que dizemos ser civilizado. Não por acaso, os direitos sexuais também podem ser entendidos pela chave dos direitos civis.

Dessa forma três pontos me marcaram nessas disciplinas consideradas de “longo alcance”: 1) a mobilização dos movimentos sociais e seus reais papéis como agentes sociais de mudança, 2) as diferentes perspectivas as quais as questões da chamada colonialidade podem ser usadas ao serem mobilizadas numa lógica capitalista ou numa “luta” contrária ao capitalismo, e por fim, 3) como os estudos da sexualidade estão fora dos grandes debates sociológicos!!

As grandes linhas teóricas da sociologia podem ser divididas nas abordagens macrosociológicas e microsociológicas, em perspectivas coletivistas e individualistas. Cada linha ou perspectiva trabalhará por um consenso exposto na busca por uma síntese entre diferentes abordagens, ou partirá para uma ruptura com relação às outras abordagens, entendendo a sua como a mais apropriada para a compreensão dos fenômenos sociais. Segundo Alexander (1987):

Por um lado, surgiram escolas radicais e estimulantes de microteorização, acentuando o caráter contingente da ordem social e a centralidade da negociação individual. Por outro lado, desenvolveram-se vigorosas escolas de macroteorização, enfatizando o papel de estruturas coercitivas na determinação do comportamento individual e coletivo (Alexander, 1987, p. 5).

Mais do que esmiuçar os detalhes de cada uma dessa abordagem, pretendo neste enxuto trabalho dar exemplos de como um diálogo maior com os estudos da sexualidade, gênero e correlatos poderiam ajudar a suprir algumas das lacunas e inquietudes presentes em muitos dos trabalhos teóricos que abordam uma macro ou uma microsociologia, tanto coletivistas como individualistas.

Ainda sobre esses estudos, McAdam, Tarrow e Tilly (2009) criticam o que chamam de excessiva divisão e especialização dos estudos que, segundo eles, prejudica uma teorização geral sobre as coisas, contudo, chamo atenção para como a questão da sexualidade é raramente colocada como ponto motriz de motins, revoluções, relações sujeito X estado, etc., por muitos dos “grandes autores” da sociologia. Como veremos a seguir, os estudos da sexualidade e sua hiper especialização contribuem, se devidamente utilizados, para dar conta do que Connell (2012) propõe de trazermos novas bases e fontes para a construção de uma ampla gama de novas possibilidades e interpretações teóricas sobre o tecido social. Embora a sexualidade humana seja um grande motor de ação entre os sujeitos, me chamou atenção o quanto sua abordagem é deixada de lado nos estudos mais “clássicos” ou “robustos” de um fazer sociológico, mesmo os que possuem uma proposta empirista.

Embora Sztompka (2011) tenha uma polêmica perspectiva de uma sociologia geral e global que dê conta de analisar todas as sociedades, mesmo em suas particularidades, ele chama atenção que no esforço de particularização da disciplina, se ignora alguns conhecimentos básicos que se não são universais, são pontos de partida fundamentais. Tomemos como exemplos os estudos de parentesco de Lévi-Strauss (1982), estigma de Goffman (1985), ou os efeitos da estrutura sobre os sujeitos de Durkheim (1995).

Eu, como estudante de sociologia, tive empatia por Sztompka (2011), pois claramente seu intento é a união, ele trabalha por uma ideia de consenso, o que se choca com o que eu chamo de “ego científico”. Todo cientista quer dizer que descobriu algo novo. Ninguém trabalha para, no final, concluir que simplesmente outra pessoa estava totalmente certa. A própria dinâmica capitalista na qual a academia está inserida exige que se apresente algo “novo” o tempo todo, para justificar o investimento de tempo e dinheiro feitos. Isso, obviamente, tem um efeito nos pesquisadores em procurarem cisões e conflitos, especificidades, mostrar aquilo que o outro não mostrou ou esqueceu. Adotar uma retórica “budista” de exigir aos cientistas se desapegar do ego não me parece ser muito realista, o que fazer então? Qual deve ser a premissa?

Burawoy (2011) estrutura seu texto em uma crítica contundente ao texto de Sztompka: “[...]but, they all show is that science cannot be abstracted from its context; it is a product of its own history, also of the broader history in which it is lodged [...]” (Burawoy, 2011, p, 398).

Burawoy (2011) nos lembra que a sociologia se baseia no valor atribuído às ações humanas. Isso significa dizer que muitos desses teóricos não viam valor ou o valor dado pelos

sujeitos à sexualidade? Muito provavelmente, sim e não. Seria então uma ação consciente não lhe atribuir um papel nos fenômenos narrados?

Enquanto os Estados Unidos, e seus teóricos, trabalham quase sempre na perspectiva de uma universalização, mostrando os que os unem como povo, a França parte da premissa que eles já são cidadãos universais do ponto de vista de nacionalidade, e que as características individuais são irrelevantes. Ambos tentam neutralizar os pontos de fissuras, uns dizendo que elas não definem o país como nação, mas sim as semelhanças e universalidades e outros dizendo que tais fissuras não existem de fato, como no ideário francês de nação. Similaridade e fissuras comuns entre Estados Unidos e Brasil são tratados nos estudos de masculinidade de Pinho (2017) [apresentados em um dos volumes dessa revista para a qual escrevo], Palombini (2013; 2014) e Viveros Vigoya (2018). Esses trabalhos também são excelentes para pensar os agenciamentos dos sujeitos frente aquilo que comumente denominamos de “cultura”, nos termos de Roy Wagner (2010).

Mara Viveros Vigoya (2018) fala sobre as fissuras existentes na sociedade colombiana. Ao tratar das masculinidades e das sexualidades na América Latina, ela mostra como as ligadas ao gênero afetam os paradigmas que sustentam uma identidade nacional, por exemplo. Quando tratamos dos efeitos do que chamamos comumente de globalização, também estamos falando de seus efeitos sobre as percepções de gênero e sexualidade. Qual é hoje o centro de muitos dos confrontos políticos no mundo tão interessantes para Doug McAdam, Sidney Tarrow e Charles Tilly (2009) do que os embates em torno das novas ou ampliadas noções, percepções e motivações de sexualidade e gênero? Se tomarmos as Organizações das Nações Unidas (ONU) como parâmetro de mediação de conflitos internacionais, a sexualidade é um dos grandes temas debatidos nos fóruns diplomáticos. Os efeitos de uma maior globalização dos valores concernentes ao gênero também são abordados de modo contundente por Pérez e Rubio (2006).

Se a sociologia está sempre de algum modo ligada às forças geopolíticas, por que a sexualidade não tem amplo espaço nas análises sobre “poder”, “colonização” ou “subjugação”, nem como arma de dominação, por exemplo? Alguns dos autores, outrora citados, propõem uma utopia, pois buscam teorias gerais sociológicas, sejam elas de uma macrosociologia ou de uma microsociologia.

Assim, os estudos de gênero e sexualidade não se limitam a analisar tão somente as práticas sexuais, performances de gênero, binarismos identitários ou as desigualdades com base nas identidades de gênero. Os trabalhos nesse campo também buscam correlacionar os acontecimentos ali presenciados e analisados em uma perspectiva macrosociológica, tanto

coletivista quanto individualista, por exemplo, no questionamento dos tensionamentos entre agência e estrutura, que existem nas relações de “pertencer” ou “não pertencer” trazidas por Miguel Vale de Almeida (1995; 1996).

Nesse exercício, são desenvolvidas técnicas para mensuração de valores e a mensuração e análises dos valores sociais sobre praticamente todos os aspectos da existência humana são um dos alicerces que caracterizam as ciências sociais. A partir dessa correlação, os estudos no campo do gênero e sexualidade podem ser observados com mais atenção e servir de orientação e complementação para os mais diversos outros campos do fazer científico e dos amplos debates sociológicos. Tomemos como exemplo o conceito de “revolução”.

O trabalho de Connell (2012) me causou certo incômodo, uma vez que ele é construído totalmente sobre as bases de uma lógica crítica contraída no ocidente, no norte global que ela tanto critica. A começar pelo título “revolução”. O que é “revolução” e a crença em uma “revolução” se não é um conceito enraizado na cultura do chamado norte global?

Connell (2012) me parece ignorar que tanto o centro como a metrópole são criações coletivas, resultados de ações e omissões. Que nem todos nas “bordas” e nas “periferias” desejam ser e estar no centro. Para essa revolução que ela propõe se concretize, deveria estar havendo uma luta política interna feroz por esse lugar central. A própria adoção de uma sociologia regional, ou uma sociologia local, ou especializada, como os estudos da sexualidade, mostram que nem sempre essa é a busca. Alguns sociólogos querem explicar o todo, o globo, o mundo, outros simplesmente querem explicar fenômenos que lhes chamam atenção.

Talvez atropelada por outras urgências e emergências, a sexualidade não seja útil aos interesses “maiores” de alguns sociológicos. Segundo Connell (2012), por exemplo: “Qualquer forma de teoria social que não discuta o encontro colonial define-se automaticamente como um assunto de menor importância. Isso inclui a maioria do que é atualmente conhecido como “teoria” na sociologia”(Connell, 2012, p. 12).

Para o tema da sexualidade, essa uma abordagem sensível e que, se levada a cabo de forma literal, simplesmente paralisaria os últimos 70 a 80 anos de estudos sobre o tema. Imagina se antes de debatermos as teorias de Michel Foucault, John Gagnon ou Alfred Kinsey fossemos relativizar suas descobertas por virem de países tidos como “colonizadores”? Os gays da Taiwan, país citado por Burawoy, não estariam conquistando o direito ao casamento. O que chamamos de cultura gay, ou cultura LGBT, é fortemente

imbricada com a cultura dessa população nos Estados Unidos. A procura de uma compreensão do fenômeno da homossexualidade sobre outras bases que não os estudos do ocidente, poderiam ter levado suas populações locais não heterossexuais a lugares bem diferentes do que os atuais, e aí resta a pergunta, seria isso uma coisa boa?

O tabu da homossexualidade é manifesto em várias culturas e de formas bem diferentes, a universalização da relativização desses tabus é que permitiu avanços inimagináveis para muitos de sua população local. Dessa forma a importação de teorias do norte global não pode ser sempre encarada como intrinsecamente ruim, falsa ou mesmo aniquiladora das especificidades regionais. Ela pode, no fim, estar contribuindo para salvar vidas humanas e garantir direitos.

A atividade sexual, por exemplo, atravessa por completo as dicotomias que marcam as escolas sociológicas, como, por exemplo, “primitivo” e “moderno” presente na sociologia do século XIX. Uma contradição: A colonialidade do poder, para usar a expressão de Aníbal Quijano (2000, p. 12), cria diferentes condições para o entendimento do social.

Uma delas: raça! Estamos diante de uma das mais fundamentais criações do colonialismo, pois os conceitos modernos sobre raça são precisamente um produto tardio do Império (Quijano, 2000, p. 12). Me levo a perguntar: a sexualidade tem um “centro diferente de gravidade.”? (Quijano, 2000, p. 13).

Não podemos nos esquecer de que nós estamos falando de “neoliberalismo”, graças a um homem do norte global: Karl Marx. Toda sua análise sobre a influência das forças materiais, em especial os interesses econômicos sobre as ciências, só existem graças a uma linha de pensamento trazida por este pensador, um ocidental. Lendo o trabalho de Quijano (2000), podemos fazer o esforço imaginativo de que se trata do próprio Karl Marx, caso este estivesse analisando a sociologia. Marx era um homem nascido alemão que viveu expatriado em Londres. Um dos parágrafos de Quijano (2000) parece ter sido escrito pelo próprio Marx: “Trata-se de democratizar todo o processo dirigido pela teoria, isto é, a produção e circulação de conhecimento social”(Quijano, 2000, p. 17).

Neste trabalho é feita uma crítica, na qual, segundo sua perspectiva, na imaginação neoliberal, há apenas uma ciência social, que seria sempre “econômica neoclássica”. Cada problema, ou quase cada problema, tem uma “solução de mercado”. E se os mercados para uma dada área da vida social não existem ainda, os neoliberais são assombrosamente bons em criá-los. (Quijano, 2000, p. 16). Sendo que foi exatamente o “mercado”, a “linha de fuga”, para usar uma expressão de Deleuze e Guattari, usada pelos homossexuais, para “respirarem” e existirem como sujeitos socialmente reconhecidos e demandantes de direitos. A relação

entre homossexuais e mercado é uma relação muito mais complexa do que uma relação de consumo ou de dominação (França e Simões, 2005), (Eribon, 2008), (Gregori, 2012), (França, 2012).

O autor em nenhum momento cita os homossexuais, e as questões da diversidade sexual como algo relevante em qualquer aspecto. É invisível a ele, mesmo esse sendo um dos temas mais urgentes e debatidos no mundo atual desde a década de 60 e 70. Ela os ignora em absoluto e completo. As situações complexas em que hoje se encontram os homossexuais em muitos dos países do continente africano e em tantos outros fora do “norte global” não são temas de confrontos políticos e diplomáticos em nossos dias? Voltando ao trabalho de Ortellado e Zeine (2022), nele é colocado a questão “LGBT” como objeto de análise e mensuração dos valores. Neste texto, podemos ver claramente o impacto que a sexualidade (própria e do outro) tem sobre as escolhas políticas dos sujeitos. Eles afirmam:

Mostramos que, no Brasil, assim como nos Estados Unidos, há alguma polarização das opiniões, e essa polarização se concentra nas questões sobre temas morais como divórcio e direitos da população LGBT (Ortellado e Zeine, 2022).

Assim, o estudo de Ortellado e Zeine (2022) em uma minuciosa análise estatística parece sustentar meu ponto de vista sobre os demais textos por três motivos: 1) Ele é um ótimo exemplo da importância da análise qualitativa associada a uma pesquisa quantitativa. nele conseguimos ver claramente o quanto os indicadores de aceitabilidade em relação à população LGBT ajudam a construir um panorama maior do cenário político nacional no período. Essa capacidade de metodologicamente criar mecanismos de mensuração de valores é uma habilidade muito preciosa para os cientistas sociais; 2) Para uma variedade de pesquisas, o estudo serve como uma importante fonte de dados sobre as mudanças sociais pelas quais as percepções sobre os homossexuais vêm se desenvolvendo nos últimos anos e 3) faz com que a “questão LGBT” passe a ocupar a centralidade do debate sociológico.

Para se mapear o confronto político hoje nas nações, ignorar os índices ligados à aceitabilidade para com a comunidade “LGBT pode ser considerado como uma falha metodológica ou análise irrelevante? O que espero estar mostrando é que, no que tange à ampla população de pessoas homossexuais, o debate sobre “colonialismo”, por exemplo, deve considerar outras implicações sobre suas realidades.

A relação dos homossexuais e o mercado é outro ponto que não se pode debater ou analisar apenas pela ótica dos meios de produção e de consumo. Seja em Mary Douglas e seu livro “Como as instituições pensam”, ou através dos estudos de Becker (1996) ou Geertz

(1979), o mercado sempre pode ser revisto como um espaço de produções de subjetividades e de construções identitárias. Isso fica bastante claro no trabalho de Regina Facchini, Isadora Lins França e Camilo Braz (2014). Para além de trocas comerciais, o dito mercado é sem dúvidas um espaço de trocas simbólicas e de construções identitárias, tal como propõe Pierre Bourdieu (2007b).

A sexualidade pode ser a explicação não apenas de um fenômeno secundário!

Analisando o texto de Doug Mcadam, Doug, Sidney Tarrow, e Charles Tilly (2009) vemos que os autores perguntam de modo crítico: como vamos estabelecer um universo de conhecimento relevante para o nosso projeto de análise geral e global do confronto político, pesquisando as “subáreas” do conhecimento?

“Síntese” pode significar exatamente o arrolamento de diferentes pontos de vista. Os autores vão mostrar isso no decorrer do texto, o que encontraremos em áreas tão distintas. Em dados momentos, a escrita me parece amargurada por não ter uma teoria geral contemporânea sobre o conflito político. Assim, me lembro de Foucault (2010) e seu conceito de “cuidado de si”. Foucault diversas vezes centraliza os motivos dos confrontos políticos no ego, no “não autocontrole”. Um estudo que inicia analisando, aspectos da política na Grécia Antiga, uma sociedade extremamente masculinista e com práticas homoeróticas estruturais da sua conformação. Depois, ele retoma a ideia de “cuidado de si” para falar da sexualidade como contingência. Texto comumente usado para debater o conceito de “político” no mundo contemporâneo. Um conceito que ora é tratado de modo hiperespecializado como na “História da Sexualidade” (Foucault, 1988) e em outros momentos ele o amplia ou muda seu escopo e aplicabilidade, um feito que deveria ser melhor explorado por nós cientistas sociais.

Perez e Rubio (2006) abordam como os efeitos reversos de uma política verticalizada, de cima para baixo, podem gerar nos homens profundos movimentos violentos de insatisfação, não com seu status econômico, mas com suas posições sociais quanto ao gênero.

A divisão sexual do trabalho, tema caro à sociologia, não pode ser mais debatida sem levar em consideração as famílias homoafetivas. Sartre (2013) fala dos impactos que a homossexualidade tem na configuração dos papéis sociais de homens e mulheres desde tempos antigos, anteriores à modernidade:

Numa sociedade onde as formas de sociabilidade favorecem a separação dos sexos e onde, por consequência, os homens têm

múltiplas ocasiões de se encontrar sozinhos, desenvolveu-se claramente uma atmosfera de homotização, acentuada pela prática da nudez, parcial ou total. Os homens vivem largamente entre si, e não somente em Esparta, onde os homens jovens, mesmo casados, se acoplam nos locais coletivos que lhes são reservados até a idade de 30 anos. Livres do olhar das mulheres - e, para aqueles que são casados, de suas mulheres -, dão livre curso a todas as formas de seu desejo, seja em relação às mulheres ou em relação aos homens. A presença de tocadoras de flauta (músicas profissionais ou prostitutas camufladas), de homens e de mulheres escravas, de efebos nos banquetes permitia satisfazer os gostos e desejos passageiros mais diversos, ou o éros sob todas as suas formas. Pois é natural que cada homem possa variar em seus desejos: o próprio Ésquines declara que Timarco, o prostituído, não desdenha as tocadoras de flauta dos banquetes que seus ricos amantes lhe oferecem. Ésquines designa como uma situação quase anormal, mas sem nenhuma reprovação, o quase exclusivismo masculino de um dos primeiros amantes de Timarco, denominado Misgolas (Sartre, 2013, p. 52).

A estratificação social produtora de valores de gênero sempre deverá ser interseccionada com a questão da raça, mas e quando o elemento do desejo sexual também opera na construção de hierarquias e assimetrias sociais? Esse é um dos pontos centrais dos estudos de Nestor Perlongher (2008).

Soares (2021) ao tratar dos processos de dominação e submissão dos homens negros, nos diz: “O rompimento das estruturas que dão base à consciência coletiva que reproduz a dominação e exploração do corpo negro pode ser feito com e por meio de posturas metodológicas e de ação preconizadas no queer e na decolonialidade (Soares, 2021, p. 81)”. Podem de fato serem feitos dessa forma, mas também podem serem feitos usando os dados “tupiniquins” para esse mesmo propósito, inclusive, e aqui é ponto que eu queria chegar: o de que desejabilidade ou indesejabilidade dos homens negros não obedecem estritamente à lógica da divisão racial para o trabalho e dos papéis sociais.

A imbricação desejo e raça vai muito mais além, por outros caminhos dos erotismos, sejam eles estereotipados ou não, e em nossos dias, não se pode ignorar a capacidade dos homens negros de dialogarem com essas expectativas das mais variadas formas possíveis de modo ativo e propositivo, muito mais do que se comportando como sujeitos escravizados em fila esperando serem escolhidos/comprados por brancos que os viam como inumanos.

Aliás, concluímos desde já que essa ancoragem das fundamentações das relações raciais no Brasil, tomando como raiz principal os processos de escravização, possuem efeitos muito limitados, se é que são possíveis de serem usados quando falamos de desejos e sexo entre homens em nossos dias. Para isso, é preciso muitas vezes sair do papel e do computador

e observar essas relações acontecendo no campo real, no campo prático, no possível, no realizável.

Às vezes a explicação está onde ignoramos, ou menos esperamos, como na sexualidade moderna.

No campo da sexualidade, suas descobertas e achados trazem poderosas ferramentas analíticas que extrapolam suas propostas originais e podem ajudar a compreender melhor os mais diversos fenômenos do cotidiano do tecido social. Seguindo assim o pressuposto tratado por Jeffrey Alexander de que é “possível sustentar leis gerais relativamente preditivas a partir de orientações gerais substancialmente diferentes” (Alexander, 1987, p.10).

Os estudos da sexualidade podem nos ajudar a compreender melhor o que Alonso e Botelho (2012) propõem em “conectar história e teoria [...], enfrentando algumas das mais profundas antinomias da teoria social, como a dicotomia “ação”/“estrutura” (Alonso e Botelho, 2012, p. 11). Tomemos como exemplo o conceito de “violência”: Debert e Gregori (2008) nos ajudam a compreender a ideia de “violência”. Seus estudos mostram como a definição de violência pode ser construída por consenso, no exemplo trazido: de legisladores e magistrados, geralmente com base nas definições consolidadas pelas ciências sociais, nas quais estas se baseiam nos relatos empíricos, ou seja, subjetivos. Vemos como isso está profundamente enraizado pelos cidadãos e é reiteradamente renovado diariamente, renovando assim o chamado “pacto civilizatório”, criado para evitar a violência. A violência e suas implicações políticas, na gestão dos sujeitos dentro do que chamamos de sociedade é um ponto importante para diversos autores e autoras que se debruçam sobre o poder do “social” ou do “Estado” sobre os sujeitos. Judith Butler (2019) propõe um importante atravessamento dessas relações e seus entranhamentos com as questões de gênero e sexualidade.

Notamos então que os estudos da sexualidade poderiam ajudar a compreender os fenômenos sociais se fossem melhor usados. McAdam, Tarrow e Tilly (2009) estudam o “confronto político”. Aqui notamos que a sexualidade é inexistente quando vista como possível ponto motriz de motins, revoluções nas relações sujeito Estado, etc.

Os estudos sobre masculinidade em boa medida sempre resvalam sobre o tema da violência. seja a violência real, ou a teatralizada, a incorporação do *ethos* guerreiro, vitorioso, que deve esmagar seus adversários é um clássico nos estudos de gênero, em especial os estudos de masculinidade, tal como o de Pinho (2017) que aciona uma série de outros estudos

de gênero como os de Williams (1979) e Butler (1999) para tentar fugir da dicotomia sujeito versus estrutura.

Em um de seus mais renomados trabalhos, Maria Filomena Gregori (1993) faz um debate importantíssimo sobre violência doméstica, no qual coloca a violência como instrumento de comunicação entre sujeitos que possuem laços afetivos. Ambos os autores ponderam sobre a relação cíclica da violência através da rotinização, que ampliando as ideias de Gregori (1993) poderiam perfeitamente se encaixar na perspectiva de um movimento cíclico dos movimentos sociais, trazidas por McAdam, Tarrow e Tilly (2009).

Vemos assim, como a sexualidade e seus estudos podem contribuir para os outros campos de saber. Esse tem sido um dos meus focos em minha própria pesquisa e tese de doutorado. Retomo, porque acho este um caso emblemático, o exemplo de Michel Foucault (2010) e o “Cuidado de Si”. Foucault diversas vezes centraliza os motivos dos confrontos políticos (Foucault, 2006), no ego, no “não autocontrole”, questões caras à sociedade da Grécia Antiga, uma sociedade extremamente masculinizada e sexualizada com práticas homoeróticas, como sendo estruturais da sua sociedade, apresentada de modo detalhado no trabalho de Corbin, Courtine e Vigarello (2013). Depois ele retoma a ideia de “Cuidado de Si” para tratar da sexualidade como um dispositivo que atua na contingência (Foucault, 1988).

Movimentos sociais:

No texto de sobre o mapeamento do confronto Político de McAdam, Tarrow e Tilly (2009), os autores focam sua abordagem na capacidade de mobilização dos chamados movimentos sociais. Para os autores, os movimentos sociais da sociedade civil organizada cumprem papel fundamental no que definem (ou não definem) como confronto político. Contudo, dois pontos não são esmiuçados pelos autores: o modo como o dinheiro e o acesso a bens e recursos terá forte impacto na capacidade de mobilização e articulação desses movimentos. Isso pode ser mais facilmente compreendido se articularmos suas importantes contribuições com o trabalho mais especializado de Bernardes (2020). Nele a autora mostra uma questão estrutural de quem são os militantes. Para ser um militante é necessário condições materiais prévias como tempo, leitura, e dinheiro. Uma visão diferente (a de que o dinheiro não fará diferença na organização dos movimentos) é romantizada mas não é real, e serve como discurso de justificação e encorajamento ao engajamento, mas o poder do capital sobre os movimentos sociais, fazendo esse entrecruzamento, fica evidente.

É como o investimento necessário para ser um babalorixá nos dias de hoje, por exemplo. Ainda sobre movimentos sociais e mudanças sociais e na estrutura do Estado frente às demandas da população, tanto os textos de Bernardes (2020) quanto os de Debert e Gregori (2008) mostram como no caso brasileiro mudanças sociais importantes são obtidas não por processos macacos por atitudes enérgicas e revolucionárias no sentido clássico, mas muitas das vezes pelo que nas teorias sociológicas poderemos chamar de “consenso” ou “consenso social”, conquistado, no Brasil, muitas vezes via judicialização das demandas da sociedade, essas sim levadas ao judiciário pelos movimentos sociais. Contudo, tais decisões muitas das vezes ficam a cargo de juízes que pouco ou nenhum envolvimento direto tem com tais movimentos.

O que nos mostra um caminho diferente dos traçados nos estudos microssociológicos. A judicialização depende de menos pessoas, e por incrível que pareça ela permite um contato mais direto entre as partes. O juiz despacha com os advogados, ele vê e ouve a vítima, ele personaliza a questão, mesmo as amplas como no Supremo Tribunal Federal brasileiro ou na Suprema Corte norte-americana, partem de casos particulares, como mostram em seu texto Debert e Gregori (2008).

A queixa e a capacidade de mobilização e ação política: Maria Filomena Gregori detalha como a queixa é construída e moldada pelos sujeitos e sua capacidade de afetação e mobilização: “seu movimento é o da exteriorização [...] e da culpabilização” (Gregori, 1993, p.185 - 186). Apresentando os tipos de queixa, a autora mostra a importância da eloquência e o “talento do narrador em persuadir, convencer, deleitar ou comover por meio da palavra” (Gregori, 1993, p.186). Tal explicação se encaixa perfeitamente nos achados presentes na entrevista feita por Alonso e Botelho (2012) em sua análise sobre os motores de ação da chamada “ação coletiva”. Na pesquisa empregada por Adriana Vianna e Juliana Farias também vemos como a ação política, aqui materializada na busca por justiça para os mortos, trazidas por elas, está diretamente ligada, desse modo, ao esforço em não deixar que se apaguem também essas histórias familiares, levando os vivos para o mesmo terreno de desimportância (Vianna e Farias, 2011, p. 107).

Dessa forma a violência perpetrada por motivações homofóbicas ou transfóbicas (portanto permeadas pelo dispositivo da sexualidade), levará a uma série de ações coletivas que podem culminar em mudanças sociais estruturais. A análise de tais fenômenos podem ser analisadas tanto nas perspectivas de uma macrosociologia como de uma microssociologia, como falamos no início deste trabalho, tal como faz Mason (2002) em seus trabalhos sobre os modos de agir e reagir dos sujeitos frente às situações de violência homofóbica.

Uma observação: Gregori (1993, p. 193) apresenta como as distinções sexuais são a base para a composição do gênero. Não necessariamente a heterossexualidade. Acredito, ser um ótimo exemplo do que considero ser um ser o erro: a interpretação de dados empíricos que levam a uma ideia de uma “matriz heterossexual”. A grande maioria dos grandes trabalhos antropológicos e sociológicos que falaram do gênero, falaram dentro da perspectiva dos estudos do parentesco, das relações exogâmicas, etc. Estes logicamente fazem essa correlação direta entre as distinções de sexo/gênero e a conjugalidade (heterossexual), mas tais estudos também falam dessas distinções como sendo suporte para outras questões e aspectos da vida dos habitantes dos povos e tribos pesquisados, não somente na conjugalidade (Rubin, 2017a; 2017b).

Contudo, em seus trabalhos, Butler (2003) parece se apegar somente a esse aspecto para dizer que a divisão binária entre os gêneros está galgada na heterossexualidade. Miguel Vale de Almeida (1996) lembra sutilmente que a primeira divisão entre os gêneros nas sociedades conhecidas, tem como ancoragem os sexos biológicos. Se essa ancoragem é equivocada é outra questão, mas não é sobremaneira ancorada sobre a heterossexualidade, como faz entender Butler (2016) ou Miskolci (2015). Essa é uma das compreensões que venho desenvolvendo em minha própria pesquisa do doutoramento.

As motivações que levam os sujeitos das camadas populares as ações coletivas podem ser explicadas por McAdam, Tarrow e Tilly (2009), mas também podem ser facilmente interpretadas sob a luz Diana Taylor como de Victor Turner num cruzamento com os achados de Henri Goffman (1985) e seu pensamento sobre suas propostas de Enquadramento interpretativo.

Finalizando:

Meu trabalho principal de pesquisa não é a construção de estados da arte sobre as teorias sociológicas, nem mesmo na proporção que Sztompka critica de uma hiperespecialização, sob a qual os estudos da sexualidade humana poderiam estar definidos. Meu objeto de estudo são homens que fazem sexo com homens e, para dar conta de explicitar tais fenômenos e práticas, eu tenho que acionar os mais variados autores, conforme citados no decorrer deste exercício teórico.

Porque os fenômenos da sexualidade estão “entranhados” no tecido social. Portanto, proponho que a sexualidade seja certamente um ponto estrutural para a compreensão dos

“eu”, “self” “homem”, “sujeitos”, “cidadão”, “indivíduos” e uma infinidade de temas caros aos cientistas sociais e cientistas políticos.

Como bem diz John Gagnon, o discurso sobre a sexualidade, de todos os saberes científicos, é um dos que mais profundamente penetra o cotidiano dos sujeitos, muito mais até do que os grandes tratados sobre classe, raça e as desigualdades e os outros muitos marcadores sociais da diferença.

Assim, notamos que a busca sociológica da compreensão da transformação da vida, de pré-moderna a moderna, tornou a política popular uma das fontes principais da construção de sentido e de identidade na vida social. Nesse sentido, os estudos da sexualidade e temas correlatos trazidos aqui muito podem nos ajudar em tais explicações e compreensões. A união das mais complexas linhas de pesquisa pode ser fator importante para a construção de mais robustos e sólidos consensos, como clama o controverso trabalho de Sztompka.

Referências bibliográficas:

ALONSO, Angela e BOTELHO, André. (2012). Repertórios de ação coletiva e confrontos políticos: entrevista com Sidney Tarrow. **Sociologia & Antropologia**. v. 2, n. 3, pp. 11-19. 2012, disponível em: <https://doi.org/10.1590/223838752012v231>

ALEXANDER, Jeffrey. O Novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, p. 5-28. 1987.

BECKER, Gary. **Human capital a theoretical and empirical analysis, with special reference to education**; NBER, New York: University of Chicago; 1996. 412 p. Disponível em: <http://www.nber.org/books/beck94-1>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BERNARDES, Márcia. Violência de gênero: processos de subalternização em torno da Lei Maria da Penha. **Revista Direito GV**, V. 16 N. 3. 2020.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2004.

BUTLER, Judith. 2019 (2004). **Violência, luto e política**. In: Butler, Judith. Vida precária. Os poderes do luto e a violência. São Paulo, Autêntica, pp. 26-50. 2019.

BURAWOY, Michael. The last positivist. **Contemporary Sociology**, v. 40, n. 4, p. 396- 404. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Rio de Janeiro: Celta. 176 p. [1972] 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **O mercado de bens simbólicos**. In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 6 ed. São Paulo: Perspectiva. cap. 3. p. 99-116. 2007b.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 21, p. 219-260, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644619>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 9-20. 2012.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Vol. 3. Petrópolis: Vozes. 2013.

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena. Violência e Gênero. Novas propostas, velhos dilemas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 23 no. 66, 165-211. 2008.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções**. In.: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F; CARRARA, S. (org.) Sexualidade e

saberes: convenções e fronteiras. Garamond Universitaria, p.39-80. 2004.

DURKHEIM, Emile. **Da Divisão Social do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**: Uma história dos costumes. Vol 01. 2a edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2011.

EPSTEIN, Steven. **A queer encounter**: sociology and the study of sexuality. In: SEIDMAN, Steven. (org.) *Queer theory/ Sociology*. Cambridge, MA, Blackwell, 1996.

EPSTEIN, Steven. Gay politics, ethnic identity: the limits of social constructionism. **Socialist Review** (93/94), 1987, pp.9-54.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 2008.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins França; BRAZ, Camilo. “Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos”. **Cadernos Pagu**, São Paulo: v. 42, jan.-jun. p. 99-140. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A filosofia analítica da política**. In: MOTTA, M. B. (org.). *Ética, sexualidade, política*. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O GOVERNO DE SI E DOS OUTROS**: Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes. 2010.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio. **Do Gueto ao mercado**. In: Green, James N.; Trindade, Ronaldo. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro, CLAM/EDUERJ, 2012.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GEERTZ, Clifford. **Suq: the bazaar economy in Sefrou**. In: Geertz, Clifford et al. *Meaning and order in Moroccan society: three essays in cultural analysis*. New York, Cambridge University Press, 1979. p.123-313

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 228p. 1993.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e Queixas - um estudo sobre relações violentas, mulheres e feminismo**. São Paulo: Paz e Terra / ANPOCS. 1993

GREGORI, Maria. Filomena. **Erotismo, mercado e gênero. Uma etnografia dos sex shops de São Paulo**. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 38, p. 53–97, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645033>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis (RJ). Editora: Vozes. 540p. 1982.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. (2009). Para mapear o confronto político. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 76, pp. 11-48, Out. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452009000100002>

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: MAUSS, Marcel Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MASON, Gail. **The spectacle of violence**: homophobia, gender and knowledge. London: Routledge. Introduction: Impetus (1-12); Capítulo 3: Different territory: a question of intersectionality? (58-77). 2002

MISKOLCI, Richard. Discreto e fora do meio” - notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas - SP, n.44, p. 61–90, 2015.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto; ZEINE, Leonardo. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. **Opinião Pública**, v. 28, p. 62-91, 2022.

PALOMBINI, Carlos. **Funk Proibido**. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/52686554/_Funk_Proibido_e-book_ Acesso em 17 de out de 2024.

PALOMBINI, Carlos. **Funk carioca and musica soul**. In: PALOMBINI, Carlos. Bloomsbury encyclopedia of popular music world: genres: Caribbean and Latim American. London. Bloomsbery academic. v. 1. 2014. p. 317-325.

PÉREZ, Fernando Villaamil; RUBIO, María Isabel Jociles. **Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales**: Discursos y prácticas ante La prevención y el sexo más seguro

entre HSH. Informe ejecutivo. Madrid: COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid, 2006.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

PINHO, Osmundo. "Botando a base": corpo racializado e performance da masculinidade no pagode baiano. **Revista de Ciências Sociais**, n. 47, Junho/Dezembro, p. 39-56. 2017.

QUIJANO, Aníbal. "Coloniality of power and eurocentrism in Latin America". **International Sociology**, 15 (2): 215-2. 2000.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. In: RUBIN, Gayle. Políticas do Sexo. São Paulo: UBU Editora. 144p. 2017a

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo**. In: RUBIN, Gayle. Políticas do Sexo. São Paulo: UBU Editora. 144p. 2017b

SEFFNER, Fernando. **Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s)**. In: SOARES, Guiomar Freitas. SILVA, Meire Rosane Santo da. RIBEIRO, Paula Regina Costa (org). Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande do Sul: Ed. da FURG, 2006.

SCOTT, Joane. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017.

SZTOMPKA, Piotr. Another sociological utopia. **Contemporary Sociology**, v. 40, n. 4, p. 388-396. 2011.

VALE DE ALMEIDA. Miguel. Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, vol. 20, Nº. 1, p. 161-189, 1996. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7413304.pdf> Acesso: 13 Jan 2024

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. 2011. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**. Campinas - SP. (37), 2011, pp. 79-116.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2018

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

WANZELER, Murilo Cunha. **O cuidado de si em Michel Foucault**. 127 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014. Disponível em:

https://www.academia.edu/39240999/MARCADORES_SOCIAIS_DA_DIFEREN%C3%87

△ Acesso 31 Dez 2023

Declaração de conflito de interesses:

Trata-se de um exercício teórico ainda em desenvolvimento onde ao meu ver não há conflitos de interesse de qualquer natureza.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.